

## RELATO DE EXPERIÊNCIA

EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO NO CÂMPUS SÃO PAULO DO IFSP EM  
TEMPOS DE PANDEMIABiana Politto  
Daniel Teixeira Maldonado

**Resumo:** O objetivo desse estudo foi apresentar uma experiência político-pedagógica realizada durante as aulas de Educação Física no Ensino Médio, a partir das ações educativas planejadas por um projeto de ensino, em tempos de pandemia. Durante o texto é possível observar as disputas políticas que atravessaram os debates sobre a educação remota em tempos de pandemia no Instituto Federal de São Paulo, a caracterização de um projeto de ensino que possui como essência fundamentar uma pedagogia decolonial nas aulas de Educação Física no Ensino Médio e o relato de uma experiência realizada nas aulas do componente curricular no ano letivo de 2020, onde foram problematizados os marcadores sociais de gênero, raça e classe que atravessam as práticas corporais, a partir da fundamentação teórica da pedagogia decolonial. Entendemos a necessidade de que os professores se tornam intelectuais transformadores nos contextos onde atuam, resistindo ao processo meritocrático, neoliberal, neotecnista e neoconservador que se torna cada vez mais premente na educação pública brasileira. O processo educativo no pós-pandemia precisa permitir o diálogo, debates, reflexões e novas produções sobre os conhecimentos historicamente produzidos por diferentes grupos que fazem parte da sociedade, para que possamos efetivar uma escola democrática, pública e de qualidade.

**Palavras-chave:** Educação Física; Ensino Médio; Pedagogia Decolonial.

PHYSICAL EDUCATION IN HIGH SCHOOL AT IFSP CÂMPUS SÃO PAULO IN  
PANDEMIC TIMES

**Abstract:** The objective of this study was to present a political-pedagogical experience carried out during Physical Education classes in High School, based on the educational actions planned on a teaching project, in pandemic times. Throughout the text, it is possible to observe the political disputes that crossed the debates about remote education in pandemic times at the Federal Institute of São Paulo, as well as the characterization of a teaching project that has in its essence a decolonial pedagogy in Physical Education classes in High School and the report of an experience carried out in the classes of this curricular component in the academic year of 2020, in which the social markers of gender, race and class that cross body practices were problematized, based on the theoretical foundation of decolonial pedagogy. We understand the need for teachers to become transforming intellectuals in the contexts in which they work, resisting the meritocratic, neoliberal, neotechnical and neoconservative processes that become increasingly more pressing in Brazilian public education. The post-pandemic educational process needs to allow dialogue, debates, reflections and new productions on the knowledge historically produced by different groups that are part of the society, so that we can have a democratic, public and quality school.

**Keywords:** Physical Education; High School; Decolonial Pedagogy.

## **1 INTRODUÇÃO**

A produção acadêmica sobre a Educação Física Escolar no Brasil fortaleceu a finalidade do componente para a formação crítica dos estudantes da Educação Básica. Principalmente na última década, os professores e as professoras realizaram um processo de interpretação, negociação e tradução das teorias curriculares progressistas formuladas nesse período, fomentando uma ação político-pedagógica nas escolas que possibilitou a vivência dos gestos de diversificadas práticas corporais, além da problematização dos marcadores sociais de classe, raça, gênero e geração que atravessam as danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras durante as aulas (MALDONADO, 2020).

Ao mesmo tempo que os docentes de Educação Física produziam essas ricas experiências com os estudantes, as políticas públicas educativas neoliberais tomaram conta do sistema educacional brasileiro, promulgando leis que tornaram superficial e flexível a formação dos jovens nesse nível de escolarização e que estimulam o discurso da privatização da escola pública (FREITAS, 2018). Além disso, um discurso neoconservador e retrógrado ganhou força em movimentos da sociedade civil, criando uma guerra cultural contra os docentes que procuravam estabelecer um processo educativo crítico e emancipador para os discentes do Ensino Médio (CÁSSIO, 2019).

Essa realidade pode ser visualizada pelo avanço do movimento “Escola sem Partido”, pela publicação da Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio e pela valorização da formação técnica da juventude brasileira, com a intencionalidade que esses estudantes façam parte de um mercado de trabalho cada vez mais precarizado e sem direitos (LIMA; HYPOLITO, 2019).

Os estudantes e os professores dos Institutos Federais têm realizado um processo de resistência contra esses ataques constantes ao ensino público, gratuito e transformador. Principalmente nos últimos anos, foi possível observar amplas manifestações com participação efetiva da comunidade escolar que faz parte da rede federal, organizadas para defender o projeto de superação ou minimização da dualidade estrutural da educação que separa a formação profissional e técnica da educação básica e, em consequência, no plano epistemológico, a separação das dimensões gerais e específicas, técnicas, políticas e culturais da formação humana. (FRIGOTTO, 2018). Essa resistência também ganha força entre os educadores e as educadoras de Educação Física dessa instituição, mormente quando eles e elas organizam

práticas político-pedagógicas que politizam e conscientizam os discentes sobre os aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos, biológicos e fisiológicos das práticas corporais.

Especificamente no Instituto Federal de São Paulo, em todos os anos letivos, os docentes podem submeter projetos de ensino que se relacionem com a função social do seu componente curricular, com a perspectiva de possibilitar que os estudantes do Ensino Superior dialoguem com os jovens do Ensino Médio, fomentando debates e reflexões sobre os conhecimentos que estão circulando nas aulas de Educação Física e das outras disciplinas da Educação Básica. Essa ação educativa entre os professores do IFSP e os discentes do nível superior é de extrema relevância para a formação desses futuros educadores e dos jovens da Educação Básica, efetivando o processo de resistência para a manutenção de uma educação crítica e emancipadora dos Institutos Federais.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi apresentar uma experiência político-pedagógica realizada durante as aulas de Educação Física no Ensino Médio, a partir das ações educativas planejadas por um projeto de ensino, em tempos de pandemia e educação remota.

## **2 PROJETO DE ENSINO PRÁTICAS CORPORAIS E MARCADORES SOCIAIS: TEMATIZANDO AS DANÇAS, LUTAS, ESPORTES, GINÁSTICAS, JOGOS E BRINCADEIRAS NO IFSP**

Este projeto de ensino é realizado no câmpus São Paulo do IFSP desde 2018. No início do ano letivo, realizamos entrevistas com os estudantes do Ensino Superior da instituição para selecionar um bolsista que acompanhará o nosso trabalho nas aulas de Educação Física no Ensino Médio. Esse discente recebe uma remuneração mensal e dialoga com os docentes para aprimorar a sua formação acadêmica.

Dessa forma, no ano letivo de 2020, planejamos, como objetivo para o projeto, pesquisar e analisar as práticas corporais de diferentes culturas espalhadas pelo território do IFSP. Após selecionar uma estudante do curso de Licenciatura em Matemática, começamos a fazer pesquisas sobre essa temática com a intencionalidade de organizar atividades de ensino para que os jovens do Ensino Médio refletissem e analisassem, durante as aulas do referido componente curricular, os aspectos históricos, políticos, econômicos, sociais, biológicos e fisiológicos das práticas corporais que são oferecidas no entorno da escola, além de ter a possibilidade de vivenciar os seus gestos.

Para fundamentar teoricamente as nossas ações didáticas, decidimos conjuntamente que estudaríamos a pedagogia decolonial, pois ainda hoje existe uma relação fortíssima entre colonialidade e educação. Nesse contexto, os conhecimentos valorizados, mesmo que não oficialmente em todas as áreas, são aqueles produzidos no continente europeu ou nos Estados Unidos. É justamente nesse cenário que nasce a pedagogia decolonial, ou seja, o interesse dos professores e das professoras em organizar práticas político-pedagógicas inspiradas pela produção de conhecimento dos autores e das autoras do sul global (SOUSA SANTOS; MENESES, 2010), buscando uma educação intercultural, feminista e antirracista.

Para o ano de 2020, iniciamos o projeto realizando leituras sobre a pedagogia decolonial, com a referência de Oliveira e Candau (2010) e a questão de gênero, raça e poder, com o artigo produzido por Gomes (2019). Refletimos, a partir desses estudos, sobre a descolonização do currículo, os direitos humanos e os marcadores sociais identitários que influenciam a sociedade contemporânea.

Na compreensão de Tavares e Gomes (2018), para possibilitar a organização de outro sistema de ensino e, por consequência, a criação de uma sociedade que respeita as identidades e valoriza as diferenças, as experiências educativas devem buscar as memórias coletivas e as histórias locais, aproveitando-se das fissuras encontradas nos espaços educativos, desvelando todas as suas contradições e possibilitando aos discentes a formação de um pensamento crítico, analisando o mundo a partir de diferentes formas de construção do conhecimento.

Partindo de estudos em torno da construção de uma pedagogia decolonial nas aulas de Educação Física, passamos a planejar atividades de ensino distintas daquelas que são hegemônicas nas aulas do componente curricular, que são fortemente marcadas pelos traços da modernidade ocidental, estimulando apenas a prática esportiva ou a melhoria da aptidão física dos estudantes. Chegamos à conclusão de que precisaríamos pensar em situações didáticas que possibilitassem aos jovens um amplo processo de reflexão sobre as diferenças étnicas, de gênero e de identidade dos praticantes que vivenciam diferentes esportes, lutas, ginásticas, danças, jogos e brincadeiras de diversificadas culturas. Foi exatamente nesse momento que a pandemia do coronavírus atingiu fortemente o Brasil e as aulas foram interrompidas em todos os câmpus do Instituto Federal.

### **3 A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS E O DEBATE ACADÊMICO NO IFSP**

Em 26 de fevereiro de 2020, foi confirmado o primeiro caso de COVID-19 no Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo. Apenas 21 dias depois, em 16 de março do mesmo ano, o campus São Paulo do IFSP, que está localizado numa região central da cidade, iniciava a suspensão das atividades acadêmicas e administrativas devido ao avanço da pandemia. Dias depois, quando o vírus já causara a morte de 30 pessoas, em 24 de março, o Estado entrou em período de quarentena, em que apenas os serviços considerados essenciais poderiam funcionar, ocasionando então a suspensão de aulas em todas as redes de ensino.

A partir daí, estudantes, professores e servidores passaram a ficar em suas casas, cumprindo o isolamento social. Muitos tiveram que se adaptar, pois mantiveram seus trabalhos de forma remota, ou seja, totalmente online e em condições muito adversas das habituais.

À medida que os casos de morte e de infecção por COVID-19 no Brasil aumentavam exponencialmente, as semanas de suspensão e de isolamento social foram se estendendo. Diante disso, os diretores dos câmpus, motivados por questionamentos vindos de alguns professores e estudantes, que ficaram ansiosos e preocupados com o resultado que a falta de aulas presenciais poderia acarretar na sua formação, iniciaram uma intensa cobrança, a exemplo de universidades privadas, além de outras universidades federais e também com base na liberação proposta pelo MEC, com relação ao calendário escolar e à possibilidade de elaborar o planejamento e a execução de aulas remotas durante a pandemia.

Diante disso, houve a primeira tentativa por parte dos setores administrativos do IFSP, como as direções dos câmpus e a Reitoria, de autorizar a aplicação do ensino a distância. Porém, a proposta inicial foi rejeitada pelos professores e professoras do Instituto, além de ser rechaçada por grande parte dos estudantes, com papel evidente do Movimento Estudantil que elaborou suas críticas e organizou, por exemplo, abaixo-assinado online, reuniões com os diretores, entre outros. Em suma, foram feitas inicialmente significativas manifestações contrárias à utilização do recurso remoto durante o período da pandemia, por motivos diversos, que perpassam tanto questões pedagógicas gerais, como a qualidade do ensino e a capacitação dos professores, quanto à falta de estrutura e ao acesso por parte significativa da comunidade estudantil e docente do IFSP, além, é claro, de questões relacionadas à saúde física e mental que poderiam estar comprometidas nesse período ímpar do século XXI de pandemia do novo coronavírus.

Sendo assim, a primeira tentativa de instauração de aulas remotas durante a pandemia fracassou. No entanto, enquanto havia resistência por parte dos estudantes e dos servidores do IFSP, o descaso pela educação pública por parte do governo federal começou a se tornar cada vez mais evidente. A crise, justificada pela COVID-19, na verdade já existia na saúde e na educação, mas o menosprezo do até então ministro da Educação, dos ministros da Saúde (já que tivemos duas demissões durante esse período e hoje estamos com um ministro interino que na verdade é do setor militar) e do próprio presidente da república causou um aprofundamento ainda mais grave dos problemas que assolam o nosso país. Nesse contexto, o cenário nacional se transformou diariamente na negligência com o pagamento do auxílio emergencial para o povo pobre, saúde entrando em colapso pela falta de leitos no SUS, aumento expressivo no número de mortes causado pela falta de políticas públicas efetivas, pela subnotificação de casos e também pela incoerente flexibilização do isolamento social.

Por fim, o resultado da ausência de propostas efetivas no combate ao coronavírus, além da incompetência do ministro da Educação, que não projetou soluções viáveis que respeitassem a qualidade e a popularização do ensino, geraram, por parte das universidades e institutos federais, o dilema com relação às ações realizadas e ao calendário acadêmico. Apesar de numerosas ações serem desenvolvidas, durante os já passados três meses de pandemia, pela ciência, tecnologia, ensino, pesquisa e extensão dos institutos federais, como produção e doação de máscaras, protetores faciais, álcool em gel, cestas básicas, conserto e produção de respiradores, enfim, aquilo que a sociedade mais necessita, o debate a respeito do retorno às aulas regulares de forma remota não se esgotou. Visto que a pandemia não seria controlada num período curto possível de ser estipulado, salvo a possibilidade ainda distante da produção de uma vacina, o IFSP, sem muito se preocupar de fato com as questões sociais mais relevantes durante esse período de exceção em que vivemos, simplesmente concentrou seus esforços na discussão sobre o retorno às aulas.

Apesar das tentativas reacionárias fortemente falseadas de mídias que retrataram em reportagens um IFSP “paralisado” durante a pandemia, “incompetente” com relação à aprovação acelerada de aulas remotas para os estudantes, como se esse fosse o único papel de uma escola, e também, além das centenas de ações promovidas no combate ao COVID-19, os projetos de pesquisa, ensino e extensão mantiveram suas atividades e não simplesmente deixaram de existir.

Nessa conjuntura, a gestão escolar, os docentes e os estudantes decidiram organizar atividades optativas para que todos e todas mantivessem o vínculo com as atividades acadêmicas. Especificamente com uma das turmas da escola, os roteiros optativos da disciplina de Educação Física foram organizados a partir do planejamento de um dos projetos de ensino do IFSP.

#### **4 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA: AÇÕES PLANEJADAS A PARTIR DE UM PROJETO DE ENSINO**

Durante todo o tempo da pandemia, o câmpus São Paulo organizou um calendário para que os docentes de todos os componentes curriculares criassem atividades remotas optativas para os estudantes, com a intencionalidade de manutenção do vínculo acadêmico e do acolhimento dos jovens. O relato de experiência que será apresentado nesse texto foi realizado nesse contexto. A experiência político-pedagógica foi produzida com todos os estudantes que realizaram o 1º ano do curso de Eletrônica integrado ao Ensino Médio entre os meses de abril, maio e junho de 2020, pois todos os discentes participaram da proposta, mesmo com seu caráter não obrigatório. Todas as atividades de ensino aqui relatadas foram planejadas e efetivadas pelos integrantes do projeto de ensino descrito anteriormente.

Sendo assim, de início, foi feito um mapeamento regional das diferentes práticas corporais que existem próximo ao câmpus São Paulo do IFSP ainda antes da pandemia. Professor de Educação Física e estudante do curso de Matemática (bolsista do projeto de ensino) realizaram uma pesquisa no google maps e identificaram os espaços públicos e privados que ofereciam danças, lutas, ginásticas, esportes, jogos e brincadeiras para a população, sendo eles Associação Portuguesa de Desportos (futebol feminino), Estádio Municipal de Beisebol “Mie Nishi, Centro de Esportes Radicais (skate e parkour) e o Ginásio de Sumô do Bom Retiro. Após essa investigação, foram realizadas visitas em todos esses lugares para conhecê-los e averiguar a possibilidade de realizar uma oficina com os jovens do Ensino Médio para que eles e elas ampliassem a sua leitura de mundo sobre as manifestações da cultura corporal.

A partir desse mapeamento e do estudo dessas práticas corporais, foi desenvolvida a primeira atividade das aulas de Educação Física de forma remota. Como não poderíamos mais visitar esses espaços, pesquisamos estudos científicos e diferentes sites que apresentavam

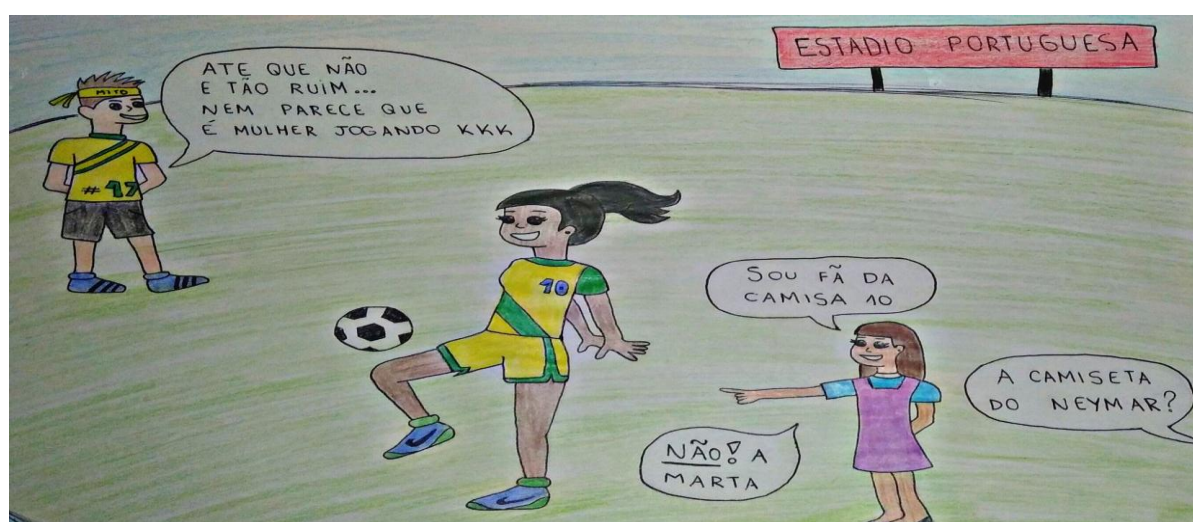
conhecimentos relacionados com essas manifestações da cultura corporal, como pode ser observado no quadro 1.

**Quadro 1** – Referências utilizadas para problematizar os conhecimentos historicamente produzidos sobre as práticas corporais oferecidas no bairro da escola.

<p><b>SKATE</b></p>	<p>BRANDÃO, Leonardo. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. <b>Record</b>: revista da história do esporte. v. 1, n. 2, p. 1-24, 2008.</p> <p><b>Notícias ESPN sobre o Skate</b>. Link de acesso: <a href="http://www.espn.com.br/tag/skate">http://www.espn.com.br/tag/skate</a></p> <p><b>SKATAHOLIC BLOG</b>. Link de acesso: <a href="https://www.skataholic.com.br/">https://www.skataholic.com.br/</a></p> <p><b>SKATETAKE</b>. Link de acesso: <a href="https://www.skatetake.com/">https://www.skatetake.com/</a></p> <p><b>Notícias Globo Esporte</b>. Link de acesso: <a href="https://globoesporte.globo.com/skate/">https://globoesporte.globo.com/skate/</a></p>
<p><b>PARKOUR</b></p>	<p>PEREIRA, Dimitri Wuo; HONORATO, Tony; AURICCHIO, José Ricardo. Parkour: do princípio filosófico ao fim competitivo. <b>Licere</b>. Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 134-152, 2020.</p> <p><b>Le Parkour: os melhores do mundo</b>. Link de acesso: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=ztowXCxgP7Q">https://www.youtube.com/watch?v=ztowXCxgP7Q</a></p>
<p><b>BEISEBOL</b></p>	<p>RUBIO, Katia. Tradição, família e prática esportiva: a cultura japonesa e o beisebol no Brasil. <b>Movimento</b>. Porto Alegre. Ano VI, n. 12, p. 37-44, 2000/1.</p> <p><b>Notícias ESPN sobre o Beisebol</b>. Link de acesso: <a href="https://www.espn.com.br/beisebol/">https://www.espn.com.br/beisebol/</a></p> <p><b>Notícias Globo Esporte</b>: Link de acesso: <a href="https://globoesporte.globo.com/beisebol-e-softbol/">https://globoesporte.globo.com/beisebol-e-softbol/</a></p> <p><b>Blog do Beisebol</b>. Link de acesso: <a href="http://www.blogdobeisebol.com/sobre-o-blog-do-beisebol/">http://www.blogdobeisebol.com/sobre-o-blog-do-beisebol/</a></p>
<p><b>SUMÔ</b></p>	<p>MORCAZEL, Rafael Carvalho da Silva. Relatos sobre o sumô ontem e hoje no Brasil e no mundo. <b>Kinesis</b>. V. 34, n. 2, p. 104-116, 2016.</p> <p><b>Reportagem da Folha de São Paulo</b>. Link de acesso a reportagem: <a href="https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/07/1657113-bom-retiro-abriga-unico-ginasio-exclusivo-de-sumo-fora-do-japao.shtml">https://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2015/07/1657113-bom-retiro-abriga-unico-ginasio-exclusivo-de-sumo-fora-do-japao.shtml</a></p> <p><b>Artigo do Jornal Nippo Brasil</b>. Link de acesso: <a href="https://www.nippo.com.br/budo/n059.php">https://www.nippo.com.br/budo/n059.php</a></p>
<p><b>FUTEBOL</b></p>	<p>SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes; MORAES E SILVA, Marcelo. Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação da suas identidades. <b>Movimento</b>. Porto Alegre, v. 23, n. 3, p. 883-894, 2017.</p> <p>ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge. O que o Brasil não esquece nem a tiro é o frango de Barbosa: questões sobre o racismo no futebol brasileiro. <b>Movimento</b>. Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 13-31, 2009.</p> <p><b>Observatório da discriminação racial no futebol</b>. Link de acesso: <a href="https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/">https://observatorioracialfutebol.com.br/observatorio/</a></p> <p><b>DIBRADORAS</b>. Link de acesso: <a href="https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/">https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/</a></p> <p><b>CEME - Centro de Memória do Esporte</b>. Link de acesso: <a href="https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40502/discover?query=&amp;select_ano_inicio_0=&amp;select_mes_inicio_0=&amp;select_dia_inicio_0=&amp;select_ano_fim_0=&amp;select_mes_fim_0=&amp;select_dia_fim_0=&amp;filtertype=acervo&amp;filter_relational_operator&gt;equals&amp;filter=Futebol%20Feminino">https://lume.ufrgs.br/handle/10183/40502/discover?query=&amp;select_ano_inicio_0=&amp;select_mes_inicio_0=&amp;select_dia_inicio_0=&amp;select_ano_fim_0=&amp;select_mes_fim_0=&amp;select_dia_fim_0=&amp;filtertype=acervo&amp;filter_relational_operator&gt;equals&amp;filter=Futebol%20Feminino</a></p>

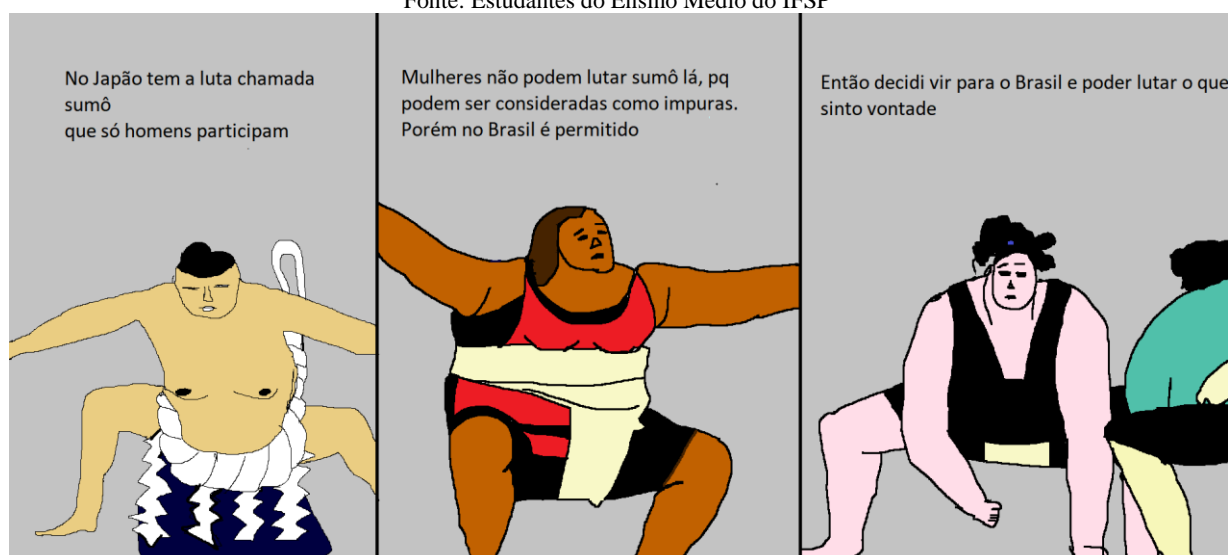


As figuras do mapeamento e todas essas referências foram enviadas para os estudantes em forma de roteiro optativo de estudos. Nesse momento, solicitamos que os jovens escolhessem uma dessas práticas corporais e realizassem as leituras para que produzissem uma charge sobre aquilo que compreenderam desses temas. Para a nossa surpresa, quase a totalidade dos alunos e das alunas realizaram a atividade proposta, apresentando uma nova leitura de mundo sobre as manifestações da cultura corporal que foram escolhidas. Mostraremos três trabalhos desenvolvidos pelos jovens para que possamos exemplificar a produção dos discentes.



**Figura 1 – Futebol feminino**

Fonte: Estudantes do Ensino Médio do IFSP



**Figura 2 – Sumo**

Fonte: Estudantes do Ensino Médio do IFSP

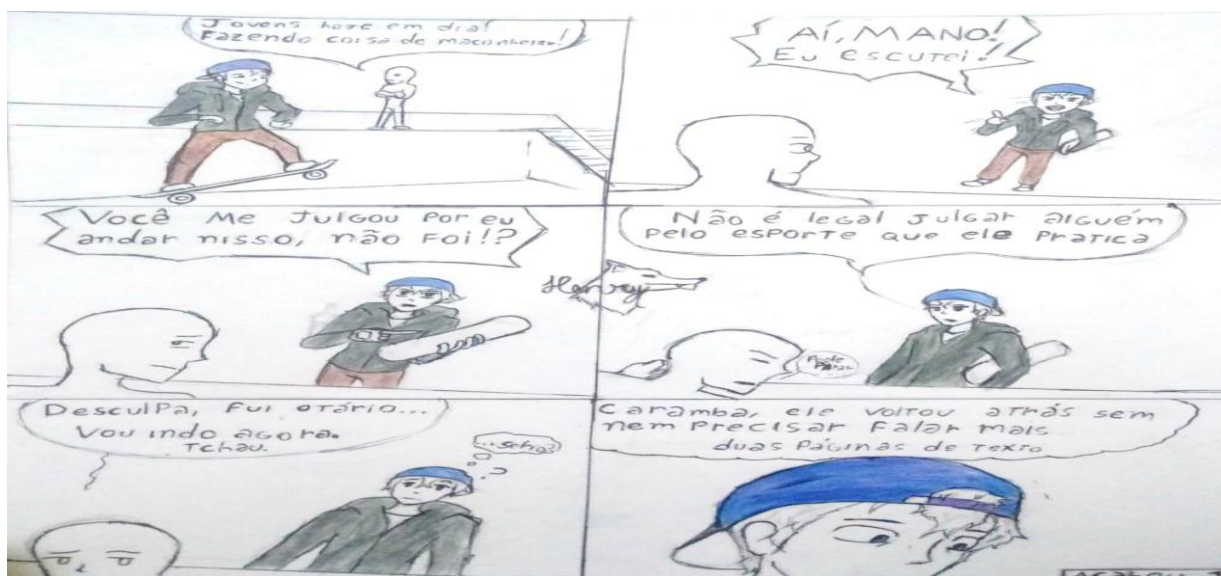


Figura 3 – Skate

Fonte: Estudantes do Ensino Médio do IFSP

Após recebermos as charges, fizemos a análise do material e respondemos a todos os estudantes, parabenizando-os pelas atividades realizadas e fazendo algumas colocações sobre os conhecimentos que foram desenvolvidos. Nesse diálogo realizado por e-mail e *whats*, refletimos com os jovens sobre o preconceito existente no desenvolvimento de muitas práticas corporais. Uma parcela da sociedade ainda defende que as mulheres não podem jogar futebol ou fazer sumô, por conta das características dessas manifestações da cultura corporal. Outro discurso conservador que ainda circula em alguns contextos é que os skatistas são “vagabundos” ou “drogados”, principalmente por conta do processo histórico dessa prática corporal. Ainda é importante ressaltar que não realizamos encontros síncronos com os discentes durante essa experiência educativa, mas planejamos retomar essas reflexões assim que existir essa chance (seja de forma presencial ou por videoconferência).

Após esses debates, começamos a planejar o próximo roteiro de atividades optativas que seria enviado para os alunos em três semanas. Decidimos pesquisar músicas, poemas e poesias que versavam sobre o corpo ou as práticas corporais, para continuar a nossa problematização com os jovens.

Dessa forma, a segunda atividade foi feita tanto individualmente quanto em pequenos grupos, partindo de outras referências que não eram especificamente científicas, mas sim culturais. As músicas e os poemas foram selecionados por estarem repletos de reflexões acerca do corpo, dos estereótipos e padrões de beleza, da popularização ou

marginalização de uma prática esportiva, de brincadeiras da infância, de problemas sociais, entre outros. As produções utilizadas podem ser observadas no quadro 2.

**Quadro 2** – Músicas, poemas e poesias que versam sobre o corpo ou as práticas corporais utilizadas no roteiro optativo de estudos nas aulas de Educação Física.

<p><b>Poemas e Poesias</b></p> <p>Cecília Meireles: Jogo de bola                  Carlos Drummond de Andrade: Eu, Etiqueta                  Carlos Drummond de Andrade: Futebol                  Carlos Drummond de Andrade: A dança e a alma                  Manuel de Barros: Eu não vou perturbar a paz                  Nara Minervino: Soltando pipas</p> <p><b>Músicas</b></p> <p>Hino da LIBBRA: Mv Bill                  O futebol: Chico Buarque                  Skate no pé: Black Alien                  Charlie Brown: Somos extremes no esporte e na música                  Negra sim! Audácia: Preta Rara                  Elevação mental: Triz                  Bia Ferreira: Miss Beleza Universal                  Que tempo bom: Thaide e Dj Hum                  Tempo de criança: MC da RDC                  Sapato 36: Raul Seixas                  Comida: Titãs</p>
--

Sendo assim, após receber esse material, cada grupo de estudantes realizou reflexões sobre as práticas corporais ou o corpo que envolviam as músicas, poemas e poesias. Entretanto, dessa vez, os jovens criaram novos poemas ou poesias com esses temas, fizeram charges sobre a produção escolhida ou em formato audiovisual, cantaram uma das músicas e realizaram reflexões sobre a relação entre o corpo, as manifestações da cultura corporal e a produção artística que a humanidade produziu ao longo do tempo. Nos quadros 3 e 4 será possível analisar dois poemas produzidos pelos discentes durante essa atividade.

**Quadro 3** – Poema produzido por um estudante do Ensino Médio durante as aulas de Educação Física.

<p><b><u>Corpo...</u></b>                  Corpo é belo                  Corpo é perfeito                  Corpo nos traz um elo                  Corpo que tornamos afeito</p>
---

Corpo que nasce conosco  
Corpo que morre conosco  
Corpo que aguenta remorsos  
Corpo que vive em versos

Corpo que nos sustenta  
Corpo que detalhes ostenta  
Corpo que por muitos são rejeitados  
Corpo que infelizmente ainda é rotulado

Mas uma coisa é certa  
Corpo nos deixa boquiaberta

**Quadro 4** – Poema produzido por um grupo de estudantes do Ensino Médio durante as aulas de Educação Física.

**Com todo o Respeito, Chega de Preconceito!**

Se homem dança balé,  
De viado chamado é.  
Se mulher bola joga  
A mandam fazer ioga.  
Que sociedade é essa?  
Parece que só regressa.

Futebol tem gênero?  
Eu acho que não  
Mas nem todos têm a mesma opinião.  
Numa sociedade tão machista,  
Mandam a mulher pro fogão  
E os negros pra prisão.

Mais de 200 anos após a escravatura  
Negro ainda não tem o merecido respeito  
Chega de preconceito!  
Como que a gente ainda atura?  
Aqui todos têm lugar,  
Nada de excluir, muito menos de julgar!

E quanto aos que têm deficiência?  
Olha só que competência!  
Muda essa tua consciência.  
Abre logo a cabeça,  
De uma vez por todas,  
AMADUREÇA!

Independente de opção sexual,

Raça ou classe social.  
Todos podem jogar o que quiser,  
Então juntos vamos dizer:  
Nada de preconceito,  
100% de respeito.

Depois que recebemos as atividades dos jovens, começamos a responder a todas as mensagens com diferentes problematizações relacionadas às práticas corporais ou ao corpo. Percebemos que as atividades planejadas alcançaram o seu objetivo inicial, que era propiciar a ampliação do pensamento crítico dos estudantes sobre os marcadores sociais de gênero, raça, classe e geração que atravessam as manifestações da cultura corporal.

Especificamente nesse roteiro optativo, observamos que os estudantes tinham um repertório grande de músicas e poesias que versavam sobre as práticas corporais ou o corpo, pois muitos deles enviavam outras letras dessas manifestações culturais para o grupo de *whats*. Nesse contexto, ressaltamos a importância de reconhecer e problematizar os diferentes aspectos sociais das danças, lutas, jogos, brincadeiras, ginásticas e esportes, fomentando que os jovens do Ensino Médio apresentem as suas experiências nas aulas, pois assim os projetos educativos desenvolvidos na Educação Física Escolar se tornam mais significativos para os estudantes.

Para fomentar futuros debates sobre a organização de aulas remotas no Ensino Médio brasileiro, salientamos que todos os roteiros optativos foram enviados para os estudantes pelo e-mail e por um grupo de *WhatsApp* criado especificamente para a turma, contendo todas as informações das atividades propostas, os materiais utilizados para as reflexões e o tempo que os jovens tinham para enviar os trabalhos solicitados. Dúvidas eram constantemente respondidas pelo *whats* quando surgiam.

Apenas dois alunos não realizaram nenhuma atividade proposta por conta das dificuldades com a internet e o computador. Felizmente, com o passar do tempo, o câmpus São Paulo criou o auxílio conectividade, possibilitando aos estudantes a compra de pacotes de dados e *notebooks*. Nesse momento, todos e todas conseguiram entregar as tarefas relatadas nessa experiência.

A maior dificuldade que tivemos durante esse processo educativo foi se manter integralmente disponível para responder às dúvidas dos estudantes pelos grupos de *whats*. As aulas remotas realizadas de forma dialógica, onde os conhecimentos construídos e debatidos

fazem sentido e significado para os jovens, precisam ser efetivadas com muito mais dedicação de todos os envolvidos na experiência educativa.

## **5 EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO: ELEMENTOS PARA PENSAR EM UMA POSSÍVEL PEDAGOGIA DECOLONIAL**

Após o processo educativo, passamos a refletir se as atividades de ensino planejadas dialogavam com a fundamentação teórica da pedagogia decolonial, principalmente porque foram discutidos diferentes conhecimentos sobre lutas, esportes, ginásticas e danças de culturas que não são valorizadas no mundo ocidental. Além disso, foram utilizados materiais didáticos fundamentados pelo conhecimento científico e saberes dos participantes dessas práticas corporais e organizados debates que problematizaram sobre os preconceitos contra as mulheres, pessoas negras e com diferentes estereótipos corporais que decidem vivenciar os gestos de diversificadas manifestações da cultura corporal.

Esse debate possibilitou a organização de princípios ético-crítico-políticos (MALDONADO; NOGUEIRA, 2020) que fundamentaram as ações didático-pedagógicas organizadas no projeto educativo aqui narrado:

- 1 – Mapear as práticas corporais oferecidas no entorno da escola foi importante para que as atividades propostas tivessem maior sentido e significado para os jovens do Ensino Médio;
- 2 – Problematizar os marcadores sociais de classe, raça, gênero e geração que se relacionam com as manifestações da cultura corporal podem ampliar o pensamento crítico dos estudantes sobre esses temas;
- 3 – Tematizar lutas e esportes com grande influência em culturas diferentes é de extrema relevância para colocar em evidência conhecimentos que não circulam no mundo ocidental com muita naturalidade, descolonizando o currículo da Educação Física;
- 4 – Utilizar conhecimentos científicos, obras artísticas e produção discursiva dos praticantes das manifestações da cultura corporal possibilita uma ecologia de saberes (SOUSA SANTOS, 2018) nas aulas de Educação Física. Esse contato com informações diversificadas politiza os jovens e amplia a sua leitura de mundo sobre os aspectos sociais, históricos, políticos, econômicos, biológicos e fisiológicos das práticas corporais;
- 5 – Possibilitar aos discentes a produção de conhecimentos nas atividades avaliativas das aulas de Educação Física pode aumentar o engajamento dos jovens no processo educativo.

Os sistemas de ensino e o espaço acadêmico sempre privilegiaram a afirmação dos conhecimentos produzidos pelo ocidente como os únicos legítimos e com capacidade de acesso à universalidade e à verdade, promovendo o fascismo epistêmico. A partir desse pensamento, consideramos que é preciso construir um projeto de emancipação epistêmica, em que diferentes formas de produção de conhecimento entre intelectuais, tanto na academia como nos movimentos sociais, sejam valorizadas, principalmente aquelas produzidas por grupos que fazem resistência ao sistema econômico neoliberal e excludente que avança na sociedade contemporânea (OLIVEIRA; CANDAU, 2010).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da pandemia do coronavírus, os professores e as professoras de Educação Física do Instituto Federal de São Paulo iniciaram um intenso debate sobre a forma que as aulas do componente curricular poderiam ser realizadas de forma remota. Embora consideremos essas reflexões importantes, entendemos que o avanço teórico e pedagógico da área nos últimos 20 anos, principalmente com a efetivação de propostas curriculares fundamentadas nas teorias críticas e pós-críticas do currículo (CASTELLANI FILHO *et al.*, 2009; KUNZ, 2006; NEIRA, 2018), poderia subsidiar uma prática político-pedagógica que possibilitasse a formação do pensamento crítico dos estudantes sobre os aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos, biológicos e fisiológicos que atravessam as práticas corporais, sendo essa a base epistemológica que fundamentou as nossas ações didáticas no projeto educativo descrito neste artigo.

A nossa maior preocupação, em todo esse processo, foi com a saúde dos estudantes, a precarização cada vez maior das relações de trabalho, o aumento da desigualdade social e o entendimento, de uma parcela considerável dos professores e professoras, de que educar se restringe a transferir conhecimentos para os estudantes, efetivando um processo de educação bancária (FREIRE, 2014).

Na tentativa de efetivar um ensino dialógico, crítico e emancipador, temos organizado nos últimos três anos o projeto de ensino “Práticas corporais e marcadores sociais: tematizando as danças, lutas, esportes, ginásticas, jogos e brincadeiras no IFSP”. Dada a relevância dessa ação pedagógica, enfatizamos que, em todos os anos, o bolsista selecionado

organiza, em conjunto com o professor de Educação Física, experiências educativas que ampliam a leitura de mundo dos estudantes sobre as manifestações da cultura corporal. O caminho trilhado esse ano foi estudar os preceitos da pedagogia decolonial e pensar em uma prática político-pedagógica do componente curricular no Ensino médio que se inspirasse nessa produção acadêmica. Por conta dos cortes de verba para os Institutos Federais no ano de 2021, não sabemos se o projeto terá continuidade no próximo período letivo.

Apresentamos esse relato de experiência para disputar um outro projeto de educação, onde a formação humana dos discentes seja colocada em destaque e os professores se tornem intelectuais transformadores (GIROUX, 1997) nos contextos onde atuam, resistindo ao processo meritocrático, neoliberal, neotecnista e neoconservador que se torna cada vez mais premente na educação pública brasileira. Nesse contexto, problematizar os marcadores sociais de raça, classe e gênero que atravessam as práticas corporais, a partir de um ensino dialógico, mesmo em tempos de pandemia e de ensino remoto, foi a questão suleadora desse texto. Acreditamos em um projeto de sociedade onde o processo educativo possibilita aos jovens a reflexão sobre os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade, valorizando as diferentes culturas e reconhecendo as identidades dos sujeitos. Foi esse objetivo mais amplo que buscamos o tempo todo nas atividades de ensino apresentadas nessa experiência.

Finalizamos essas reflexões mencionando que educadores e educadoras progressistas precisam lutar por uma educação no pós-pandemia que permita diálogo, debates, reflexões e novas produções sobre os conhecimentos historicamente produzidos por diferentes grupos que fazem parte da sociedade, para que possamos efetivar uma escola democrática, pública, de qualidade e que transforme a realidade de todos e todas.

## **REFERÊNCIAS**

CÁSSIO, Fernando. Desbarbarizar a educação. *In*: CÁSSIO, Fernando. Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 15-21.

CASTELLANI FILHO, Lino *et al.* Metodologia do Ensino da Educação Física. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.



FREITAS, Luiz Carlos. A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Projeto societário, ensino médio integrado e educação profissional: o paradoxo da falta e sobra de jovens qualificados. *In*: FRIGOTTO, Gaudêncio. Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018. p. 41-62.

GIROUX, Henry. Los profesores como intelectuales. Hacia una pedagogia crítica del aprendizaje. Barcelona: Paidós, 1997.

KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. 7ª ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

LIMA, Iana Gomes; HYPOLITO, Álvaro Moreira. A expansão do neoconservadorismo na educação brasileira. Educação e Pesquisa. São Paulo, v. 45, e190901, 2019.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Professores e professoras de Educação Física progressistas do mundo, uni-vos! Curitiba: CRV, 2020.

MALDONADO, Daniel Teixeira; NOGUEIRA, Valdilene Aline. Educação Física no Ensino Médio: experiências educativas inspiradas pelos ensinamentos freireanos. Caderno de Educação Física e Esporte. v. 18, n. 1, p. 1-6, 2020.

NEIRA, Marcos Garcia. Educação Física cultural: inspiração e prática pedagógica. Jundiaí, SP: Paco, 2018.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação intercultural e antirracista no Brasil. Educação em Revista. Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, 2010.

GOMES, Nilma Lino. Libertando-se das amarras: relações sobre gênero, raça e poder. Currículo sem Fronteiras. v. 19, n. 2, p. 609-627, 2019.

SOUSA SANTOS, Boaventura. Construindo as Epistemologias do Sul: antologia essencial. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018.

SOUSA SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

TAVARES, Manuel; GOMES, Sandra Rosa. Multiculturalismo, interculturalismo e decolonialidade: prolegômenos a uma pedagogia decolonial. Dialogia. São Paulo, n. 29, p. 47-68, 2018.

**CRENCIAIS DOS AUTORES**

**Primeiro(a) Autor(a):** Biana Politto

**Instituição:** Instituto Federal de São Paulo.

**Contato:** [biana.politto@gmail.com](mailto:biana.politto@gmail.com)

**Segundo(a) Autor(a):** Daniel Teixeira Maldonado

**Instituição:** Instituto Federal de São Paulo.

**Contato:** [danielmaldonado@yahoo.com.br](mailto:danielmaldonado@yahoo.com.br)

**Recebido em:** 06/07/2020

**Aprovado em:** 28/01/2021